

### SUMÁRIO

2, 3, 4, 5, e 6

## ● Breves

7

- Savimbi na «mouche» de Luanda
- Crescendo militar da Renamo

8

- Os «Bafatá's» de Bissau
- Luanda-Lisboa: os «lobbies»

9

- Desassossego africano de Angola
- Frelimo atenta a Renamo-EUA

10

- URSS não quer diamantes angolanos
- O «papão» sul-africano de Luanda

11

- De novo Luanda-Washington
- As «virtudes» de Cuba

13

- S. Tomé: o governo

14

- «A Palavra» de Manuel J. Homem de Mello

15

- Moçambique e o «irmão» soviético

16

- Situação militar em Angola

## Angola: à procura de «made in USA»

ANGOLA tem efectuado nos últimos meses discretas mas insistentes diligências para conseguir adquirir, através de terceiros países, equipamento militar de origem norte-americana. Trata-se, nomeadamente, de aviões C-130 Hércules, dispositivos antimíssil para os aparelhos da sua Força Aérea e ainda aparelhos de **visão nocturna** (night vision), tais como binóculos e óculos de pontaria que funcionam por raios infravermelhos.

O recurso a terceiros países é um expediente destinado a torner as severas **restrições** impostas pelos Estados Unidos ao fornecimento de material de guerra a Angola, bem como de outro equipamento capaz de vir a ter uso militar. Em 1986 a Administração norte-americana fez abortar uma encomenda de aviões B-767 feita pela TAAG à Boeing, sob a alegação de que tais aparelhos poderiam ser utilizados para fins militares.

A recusa dos EUA em fornecer a Angola equipamento militar ou susceptível de aplicação militar tem-se mantido inalterável. Em Julho de 1987, aproveitando algumas expectativas criadas quanto a um desanuviamento nas relações entre os dois países, provocado por uma deslocação de **Chester Crocker** a Luanda, as autoridades angolanas consultaram-no acerca de um possível afrouxamento das restrições, tendo em vista a compra de alguns C-130. A resposta foi **negativa**.

Se os esforços de Angola tivessem sido bem sucedidos, o material norte-americano deveria ter chegado a tempo de ser utilizado na **última ofensiva** contra a UNITA. O interesse primacial residia nos dispositivos antimíssil (destinados a tornar a Froça Aérea angolana menos vulnerável aos mísseis «Stinger»), bem como nos aviões C-130. Mas Angola, através de iniciativas directas e indirectas, não conseguiu o concurso de qualquer terceiro país tendo em vista a emissão dos «end use» indispensáveis para a operação.

Depois da descoberta de uma operação fraudulenta que consistiu na emissão pelo Benin de certificados «end use» para aquisição de três C-130 que ficticiamente lhe eram destinados, mas que acabaram por ir parar à **Libia**, os EUA apertaram a malha deste mecanismo. Há informações, não detalhadas, de que já antes tinha sido frustrada uma operação que levaria à aquisição indirecta por Angola de três ou quatro daqueles aparelhos.

Os dispositivos antimíssil (placas reflectoras de despiste, de funcionamento electrónico) são de tecnologia original norte-americana, já aperfeiçoada por **Israel**. A aviação sul-africana dispõe de tais dispositivos, aparentemente fornecidos por Israel. Sabe-se que no ano passado, através também de canais indirectos, Angola tentou adquirir esse equipamento a Israel.

A **URSS** também dispõe de uma tecnologia própria, embora considerada atrasada, neste tipo de equipamento. Mas, por razões à volta das quais há várias conjecturas, tem-se recusado, por exemplo, a equipar com painéis antimíssil, previstos na sua concepção, os helicópteros **MI-25** que fornece a Angola. Uma das conjecturas é a de que a URSS receia que a sua tecnologia venha a cair nas mãos dos sul-africanos.

A frota de carga da Força Aérea de Angola é actualmente constituída por **24 AN-26** e **20 AN-12**. Mas esta grandeza é artificial. Em plena ofensiva contra a UNITA, a **operacionalidade** deste material chegou a cair para níveis inferiores a **10 por cento**. Os problemas iam desde as complicadas exigências de manutenção dos aviões soviéticos até à falta de sobressalentes, incluindo pneumáticos.

Uma das causas básicas do desaire sofrido pelas FAPLA na ofensiva contra a UNITA, voltaram a ser (tal como nos anos anteriores), os estrangulamentos constantes que se verificaram no funcionamento dos sistemas de **apoio logístico** às tropas em operações (alimentação, remuniciamentos, etc.). As autoridades remetem as causas de tais estrangulamentos para as péssimas condições de operacionalidade da sua frota de transportes aéreos.

Grande parte do material de guerra fornecido pela URSS a Angola é, aliás, não só obsoleto como inapropriado — neste caso tendo em conta a natureza da guerra e as dificuldades de manutenção para manter o material operacional. Na última ofensiva contra a UNITA, por exemplo, já não foram utilizados os pesadíssimos camiões soviéticos (**GAZ, URAL, ZIL**), de elevado consumo, mas veículos **brasileiros**.

No âmbito dos esforços de Angola para conseguir comprar material norte-americano, sempre através de terceiros países, têm ultimamente sido assinaladas deslocações à Europa e África do Chefe-do-Estado-Maior da Força Aérea, **coronel Dinho Martins**, bem como de altos funcionários da **EMATEC** (empresa ligada ao Ministério da Defesa).

# Um alvo chamado Savimbi

INFORMAÇÕES que sugeriam estar em preparação um atentado contra o líder da UNITA, Jonas Savimbi, circularam no princípio de Janeiro em meios muito restritos, especialmente de Londres, Lisboa e Estocolmo. Em relação a um desses meios, identificado como sendo um serviço secreto ocidental, a informação incluía o detalhe de que o atentado seria levado a cabo por um «comando» constituído por um português e dois suecos, que seriam introduzidos na Jamba a coberto de um inofensivo pretexto.

Jonas Savimbi está a preparar para os próximos tempos uma nova deslocação ao exterior (ver Breves e pág. 14). Fontes qualificadas fizeram notar que rumores acerca da preparação de atentados contra Savimbi são cíclicos e adquirem mesmo maior intensidade quando se presume que ele se prepara para viajar. Tais rumores destinaram-se, assim, a desencorajá-lo de viajar — Luanda incomoda-se com essas viagens — dado que é no estrangeiro que aparentemente ele é mais vulnerável.

As mesmas fontes acrescentam, no entanto, que esta constatação não desvaloriza as informações conhecidas em Janeiro. Um defector do KGB, que no princípio desta década se passou de um país africano onde estava colocado para o Ocidente, revelou planos daquela organização para liquidar Savimbi. Em meados de 1985,

um acampamento da UNITA no Leste de Angola onde o KGB deduzia encontrar-se Savimbi (AC n.º 13, pág. 7) foi atacado por caças pilotados por soviéticos.

Jonas Savimbi, um líder a que é geralmente reconhecido notável envergadura política e intelectual, é considerado a figura mais carismática e prestigiada de Angola. Dirigentes do MPLA têm muitas vezes deixado cair o desabafo de que poderiam facilmente alcançar um entendimento com a UNITA, desde que ela fosse decapitada da sua direcção, em especial Savimbi. Na UNITA não há lutas internas, dada a forte liderança que Jonas Savimbi exerce.

Na UNITA é antiga e está fortemente enraizada a convicção de que o regime angolano, usando para tal as suas polícias secretas, ou o KGB, nunca deixou de tentar maquinhar planos visando eliminar o seu líder. Isso explica o escrúpulo com que funciona a apertada malha de segurança montada à volta de Savimbi — que é, neste aspecto, um dos homens mais bem protegidos do mundo.

Os movimentos de Jonas Savimbi no interior de Angola são sempre envolvidos num secretismo máximo e para prevenir eventuais detecções são usadas múltiplas técnicas de despiste. Por exemplo, as suas deslocações só são conhecidas a muito alto nível. O rumo que toma só é dado a conhecer

em cima da hora e os itinerários são frequentemente alterados.

No perímetro da Jamba (área de ocupação permanente da UNITA no Sudeste angolano), Savimbi dispõe de várias «posições» e é praticamente impossível determinar aquela em que se encontra, dada a ausência de quaisquer critérios lógicos na forma como rotativamente se instala nelas. Todo o seu «staff» pessoal é constituído por pessoas da máxima confiança, incluindo os cozinheiros. Os guarda-costas foram treinados pelos serviços secretos franceses.

A UNITA, recendo a possibilidade da infiltração na Jamba de elementos incumbidos de efectuar tais atentados, põe um severo cuidado na triagem dos desertores do exército angolano, postos geralmente de quarentena. Já há alguns anos foram interceptados grupos especiais de reconhecimento das FAPLA, aparentemente internados na Jamba em missões que se considerou estarem relacionadas com atentados.

Em Janeiro de 1987, os serviços secretos sul-africanos detectaram a instalação junto à fronteira da Zâmbia com Angola (Jamba) de postos electrónicos de escuta instalados pela URSS. Fazendo triangulação com outros postos instalados no Cuito-Cuanavale e a Oeste da Jamba, o dispositivo destinava-se a localizar os pontos em que Savimbi se encontrava, entrando nos códigos na UNITA.

## Renamo: vantagem militar mantém-se

MAIS de dois terços das armas e munições que as forças da Renamo usam são capturadas às tropas governamentais, as FAM, ou por outras vias anormais, provenientes dos arsenais do governo. Esta estimativa, considerada «informação verificada» por fontes militares ocidentais, é ainda acompanhada da constatação de que a Renamo dispõe neste momento de avantajados stocks de armas e munições.

Nos últimos meses continuou a verificar-se, e mesmo a acentuar-se, em todo o território de Moçambique, uma clara vantagem da Renamo na sua luta contra as FAM. Este ascendente, porém, continua sem ter transposição para os campos político e diplomático («AC» n.º 22, pág. 15). A vantagem militar da Renamo deve-se, entre outros factores, à má prontidão combativa do exército e à sua débil motivação.

Um dos mais preocupantes factores de perturbação da eficácia das FAM continua a ser, além das precárias condições de vida nos quartéis (má alimentação) as tensões que têm minado o entendimento entre os militares moçambicanos e os seus camaradas zimbabueanos do contingente

de cerca de 10 000 homens enviados para Moçambique com o fim de participar na luta contra a Renamo.

Em meados de Dezembro, mais de 100 soldados das FAM estacionados no Caia, incluindo o comandante da guarnição, entregaram-se à Renamo depois de terem desertado na sequência de conflitos com as tropas zimbabueanas. Levaram com eles todo o material de guerra da unidade. Já antes se tinham verificado deserções de militares do Caia, desta feita para o Malawi.

As tensões entre os militares moçambicanos e zimbabueanos são já antigas («AC» n.º 16, pág. 11). As tropas zimbabueanas, muito mais bem treinadas, disciplinadas e assistidas, foram ganhando um papel cada vez mais primacial na luta contra a Renamo, relegando para segundo plano as tropas moçambicanas, que em certos aspectos (manifestações de desconfiança) se sentem humilhadas.

A reacção das tropas moçambicanas às acções militares da Renamo é, salvo raras excepções, sempre muito frouxa. Um dos exemplos mais recentes é o de uma coluna militar (armas e

abastecimentos) que os rebeldes tomaram de assalto na estrada entre Mocuba e Gurué, praticamente sem que a escolta tivesse reagido.

Um dos alvos da Renamo continua a ser o corredor de Nacala, cuja linha férrea, com ligação ao Malawi, está a ser reabilitada. A pressão da Renamo levou já os técnicos que trabalham no projecto, entre os quais muitos portugueses, a serem concentrados em Nampula, Nacala e Namialo. O ritmo dos trabalhos é agora muito lento devido aos problemas de segurança.

Em fins de Dezembro, o responsável da segurança militar do projecto de Nacala, constatou, numa missão de inspecção, que só se encontravam 40 soldados entre o k.42 (Mutivaze) e 192 (Nampula), quando deviam estar pelo menos três vezes mais. Supõe-se que os faltosos desertaram.

No dia 17 de Dezembro, dois terços das forças da guarnição da Caramacha desertaram face a um ataque da Renamo. Outro alvo preferencial da Renamo é o corredor da Beira, cujo oleoduto voltou no dia 24 de Novembro a ser sabotado, perdendo-se alguns milhares de toneladas de combustível destinado ao Zimbabué.

# Angola: a «pílula» que veio da Nigéria

AS AUTORIDADES angolanas deixaram transparecer, nos seus contactos em privado, um notório **mal estar** quando, em fins do ano passado, a Nigéria considerou oficialmente o conflito angolano como uma **guerra civil** e ofereceu os seus préstimos como **mediadora** entre o MPLA e a UNITA. A atitude nigeriana, a que foi dada a forma de comunicado suscrita pelo ministro dos Estrangeiros, **Bolaji Akinyemi**, é considerada o mais sério embaraço político sofrido por Luanda em 1987.

Na sua reacção inicial, Luanda começou aparentemente por não atribuir grande importância ao caso. Mais tarde, insinuou que se tinha tratado de um **equivoco** de Lagos, pelo qual, embora não ostensivamente, responsabilizava Akinyemi. No entanto, um segundo comunicado oficial da Nigéria, que face às pressões de Luanda, visava corrigir o primeiro, mantinha o princípio da guerra civil e retomava a proposta de mediação.

Com o seu gesto, a Nigéria demarcou-se da política seguida até agora em relação a Angola, que se baseava numa aceitação plena das teses do MPLA em relação à natureza do conflito. Tal gesto foi precedido de uma multiplicação de discretos contactos entre a Nigéria e a UNITA, bem como de esforços dos **EUA** e da **Grã-Breta-**

**nha**, tentando sensibilizar Lagos para a importância que uma tal tomada de posição teria, dadas as suas influências em África.

As relações entre os dois países, que já foram **calorosas** e marcadas por uma grande generosidade da Nigéria, estão agora a passar por uma fase de **tensão**. O embaixador nigeriano em Luanda, que recentemente terminou o seu mandato, regressou discretamente à Nigéria sem ter conseguido ser recebido pelo presidente **José Eduardo dos Santos** (como tradicionalmente acontece com os embaixadores de partida, para apresentação de cumprimentos de despedida).

As mudanças (discretas, na sua maior parte) que se têm estado a verificar nas políticas dos países africanos em relação a Angola, são em grande parte atribuídas ao **cansaço** que o problema está a causar. Como reacção a este cansaço, os países africanos acabam por penalizar a Irredutibilidade do MPLA face a uma solução negociada e, ao mesmo tempo, a favorecer a alegada boa vontade da UNITA.

A inquietação das autoridades de Luanda face a alterações na atitude dos países africanos, radica especialmente no facto de o fenómeno contrariar uma estratégia (ver pág. 10) que aposta na conquista da sua soli-

dariedade. Por outro lado, Luanda receia que os efeitos disso acabem por desmobilizar o **empenhamento soviético e cubano** ao seu lado. Moscovo e Havana dão grande importância ao que os outros países africanos pensam acerca do seu envolvimento em Angola.

O governo de Luanda está igualmente a enfrentar dificuldades crescentes (AC n.º 18, pág. 8) com, até há pouco tempo, outro dos seus melhores aliados em África e, neste caso, vizinho — o **Congo**. As relações entre os dois países são cada vez mais formais e Brazzaville introduziu mesmo, há pouco tempo, restrições a facilidades anteriormente concedidas a Angola, como os casos da utilização do espaço aéreo e aeroportos e o da liberdade interna de movimentos a oficiais angolanos da Segurança.

De forma cada vez menos sublimada, **Sassou Nguesso** considera a política do MPLA como «desastrosa» e tem exortado dirigentes angolanos da sua confiança a entabularem negociações com a UNITA. Um outro antigo entusiasta do MPLA, o ministro congolês das Finanças e do Plano, **Moussa Pierre**, diz hoje abertamente que não acredita na política que o MPLA está a seguir.

## Renamo-EUA: sobressalto para Maputo

AS AUTORIDADES moçambicanas têm dado mostras de uma certa apreensão face aos efeitos, por elas considerados «negativos», da acção política do núcleo da Renamo nos Estados Unidos. Em privado, reconhecem que essa acção é geralmente persistente e eficaz. Consideram-na como fulcro da criação e alimentação de uma imagem pouco favorável do regime de Maputo em meios conservadores dos EUA.

Ao mesmo tempo, as autoridades de Moçambique dão claramente a entender que estão cada vez menos preocupadas com a acção do grupo da Renamo em Portugal. Consideram-no quase inactivo e muito **desacreditado** em termos de opinião pública — num e noutro caso sobretudo como consequência dos sucessivos conflitos internos que o têm abalado nos últimos anos.

Na análise de Maputo, o grupo da Renamo de Portugal é dominado pela **África do Sul** e por alguns interesses privados **portugueses**. Isto explicaria, ainda de acordo com tal análise, que as convulsões internas que o têm minado não sejam mais do que

uma extensão dos choques e das flutuações que antagonizam os vários interesses que sobre ele têm ascendência.

Ao contrário, Maputo vê a **antena** da Renamo nos EUA como não estando atravessada por lesivas influências estranhas — o que, ainda segundo a referida análise, dá ao grupo um carácter **nacionalista** mais puro. A referida análise aponta ainda o carácter pouco amistoso que marca as relações entre os grupos da Renamo de Portugal e dos Estados Unidos.

O principal responsável da Renamo nos Estados Unidos é o professor **Luis Serapião**, que se rodeou de numeroso quadros moçambicanos a viver nos Estados Unidos. Têm, mais ou menos, a função de seus conselheiros. Recentemente conseguiu mesmo que um ex-diplomata moçambicano dissidente, **António Rocha**, passasse a integrar a estrutura do movimento nos EUA. António Rocha viveu nos últimos anos em Portugal.

Mas o grande animador das actividades da Renamo nos EUA é um ci-

dadão norte-americano, **Tom Schaaf**, que viveu na ex-Rodésia. Apesar de viver no Canadá, outro quadro da Renamo nos EUA é **Francisco Nota Moisés**. De um modo geral, os moçambicanos residentes nos EUA, alguns deles detentores da cidadania norte-americana, estão ligados à Renamo.

A sua acção está especialmente virada para a criação e manutenção de «lobbies» **anti-Frelimo**. Ligados a estes «lobbies» estão o senador **Jesse Helms** (Heritage Foundation) e, entre outros, os congressistas **Kack Kemp** e **Dan Burton**. Estes dois últimos subscreveram no fim do ano passado, juntamente com outros 17 congressistas, um convite para **Afonso Dhlakama** visitar os EUA.

A Renamo-EUA mantém também boas influências em meios de Comunicação Social — uma actividade em que intervêm o «**Mozambique Research Center**» dirigido por Schaaf. Maputo não vê com bons olhos estas acções, as quais têm dificultado a conquista de influências por parte do governo em meios conservadores dos EUA. Na mensagem da Renamo são sempre utilizados argumentos anticomunistas.

# Moçambique: era uma vez a dilecção pela URSS

ESTÃO a tornar-se cada vez mais nitidos os sinais de que as reformas económicas introduzidas em Moçambique (tendência crescente para a liberalização), começam a ter repercussões no plano político. Mas além dos reflexos políticos gerados pela dinâmica das mudanças económicas, há outros factores individualizados a ter em conta. Entre eles, a continua perda de antigas e decisivas influências por parte da ala mais radical da Frelimo.

A evidência representada pelo aparecimento dos primeiros indícios de que estão também a registar-se mudanças políticas, contempla mesmo o próprio sistema de alianças de Moçambique. E sustenta-se mesmo que, se não fosse a guerra civil e os efeitos que ela produz no aspecto da manutenção de fortes dependências de Moçambique em relação à URSS, as transformações políticas, por enquanto discretas, já teriam atingido maior amplitude.

1. Embora mantidas no mais completo sigilo, estão em curso diligências das autoridades moçambicanas com vista a «cortar» com a assistência dos **conselheiros militares soviéticos**. O plano, que tem o apoio da hierarquia militar, é o de levar a URSS a retirar os referidos conselheiros (cerca de 700), fazendo-os substituir por **instrutores**. Colocados nos Estados-Maiores e noutros centros vitais da estrutura militar moçambicana, os conselheiros soviéticos têm acesso fácil a matérias classificadas.

Com a sua substituição por meros instrutores, as autoridades moçambicanas acabam por fazer a sua principal **cedência** a «preocupações» manifestadas pelos **EUA** — que não viam bem uma intromissão soviética com a importância da que decorre da acção dos conselheiros numa área tão sensível como a militar. A presença de instrutores (já há alguns soviéticos utilizados especialmente na formação de tropas especiais), acabará por diluir-se entre a camada de instrutores de outras nacionalidades.

Mas para além de Moçambique anular com esta medida um dos principais embaraços das suas relações com os EUA, e com o Ocidente em geral, ela vem também ao encontro de intenções das che-

lias militares, que vinham assumindo uma atitude cada vez mais crítica em relação aos conselheiros soviéticos. Queixavam-se da proverbial **arrogância** dos conselheiros, da sua propensão para a **ingerência** e mesmo até da sua duvidosa **competência** profissional.

De qualquer modo, as actuais intenções das autoridades de Maputo não admitem a eventualidade de uma **subalternização** das relações de Moçambique com a URSS. Trata-se, apenas, de **reduzir as influências soviéticas** até ao ponto que as coloque ao mesmo nível das que são consentidas aos países ocidentais. Este objectivo já foi nos últimos tempos levando a que as relações entre o PCUS e a Frelimo fossem circunscritas ao âmbito **partidário** (e não do Estado).

A preocupação das autoridades moçambicanas de aplicarem uma bitoja única no relacionamento de Moçambique com os seus principais parceiros, foi ao extremo de em fins de Dezembro se ter discretamente sugerido aos **EUA e França** que lizassem com que **unidades navais** suas escalassem o porto de Maputo. A iniciativa teve uma óbvia intenção: compensar os efeitos da recente passagem por Maputo de dois navios da esquadra soviética no Índico.

A URSS ainda é, de longe, o principal parceiro de Moçambique no campo militar — um fenómeno gerador de fortes situações de dependência para Maputo. Há pouco tempo, as autoridades moçambicanas solicitaram mesmo à URSS o fornecimento de armamento tecnologicamente mais avançado (**aviões e blindados**), bem como peças separadas em quantidades suficientes para a constituição de stocks que evitem as rupturas actuais.

Além disso, Moçambique é hoje um dos raros países africanos que beneficia de uma real (e não apenas aparente) ajuda económica da URSS. Cerca de um terço das necessidades do país em matéria de **combustíveis** é assegurada pela URSS, em condições consideradas vantajosas. Só os custos de transporte são pagos **cash**. E para obviar às reclamações de Maputo quanto à má qualidade do crude soviético, tem mesmo sido reexportado petróleo da

**Libia**, utilizado por este país para pagar as suas dívidas à URSS.

As mudanças políticas que se estão a reflectir na formulação do sistema de alianças de Moçambique, não se confinam, no entanto, apenas a um redimensionamento do papel da URSS. O campo das suas relações internacionais continua a alargar-se. É o caso do estabelecimento de contactos com **Israel** (AC n.º 22, pág. 15), mas também de iniciativas em direcção à **Coreia do Sul**. Parece ter os dias contados a terminologia «parte Sul da Coreia», ainda utilizada na imprensa para se referir à Coreia do Sul.

Há também indícios claros de que a política em relação a **Angola** voltou a obedecer ao chamado «realismo» que lhe imprimiu **Samora Machel** (AC n.º 3, pág. 8 e 12, pág. 9) e do qual o actual presidente inicialmente se afastou, cadendo a pressões de Luanda. Embora de forma não ostensiva, preconiza-se de novo um diálogo entre o **MPLA** e a **UNITA** — o que fez com que o movimento de **Jonas Savimbi** deixasse de ser oficialmente hostilizado. O tema foi discutido num encontro de diplomatas moçambicanos em Maputo.

2. Prossegue também o esforço de redução da importância da ideologia como elemento influenciador da vida política. A última demonstração desse facto é uma proposta de alteração da **constituição** que vai fazer com que o líder da Frelimo deixe de ser, automaticamente e por inerência, o presidente da República. A eleição do presidente vai passar a fazer-se por sufrágio, na Assembleia Popular, podendo mesmo apresentar-se mais que um candidato.

Depois de **Sérgio Vieira** (os militares, que não gostam dele, aceitaram mal a sua designação para um lugar na comissão preparatória do Congresso da Frelimo, embora nela apareça mais como figura decorativa), outro dos ideólogos da Frelimo viu a sua intervenção política limitada. Agora foi **Jorge Rebelo**, que perdeu a favor de **Batista Cosme** o lugar de primeiro-secretário da Frelimo para a cidade de Maputo. A função tinha implicações em matéria da segurança da cidade.

Os **brancos** e os **indianos**, muitos dos quais predomina-

ram nos últimos anos na chamada ala revolucionária da Frelimo, continuam também a perder influências. Nuns casos justamente por causa das suas apetências revolucionárias, noutros casos porque a actual política continua a ser marcada pela preocupação de «pretizar» cada vez mais o regime. Os brancos e indianos têm uma intervenção política cada vez menor e vão sendo confinados a funções técnicas.

**Leite de Vasconcelos** foi substituído na direcção da Rádio Moçambique por um quadro preto, **Manuel Tomé** — embora a medida tivesse sido justificada com a saúde abalada do primeiro. Há também rumores, aos quais se atribui consistência, segundo os quais **José Luis Cabaço** será colocado como embaixador em **Roma**, perdendo a sua actual função de vice-secretário para as Relações Externas da Frelimo.

Outro fenómeno muito notório é o que tem que ver com a reciclagem ideológica por que estão a passar quadros pretos da Frelimo, a todos os níveis. O caso mais exemplar é talvez o de **Armando Guebuza**, que na prática é agora a segunda figura do regime. Uma antiga ortodoxia que em termos ideológicos identificava esses quadros, deu agora lugar a comportamentos moderados e ao nascimento de um indistigável fascínio pelo Ocidente.

3. Uma missão do **FMI** que em Dezembro esteve em Maputo, manifestou às autoridades a sua satisfação pelos resultados já alcançados com as reformas económicas. No caso concreto dos efeitos destas reformas sobre a população, elas criaram uma relativa **abundância** no mercado, mas o acesso aos bens é difícil dada a disparidade entre o seu custo e o magro poder de compra dos consumidores (baixos salários).

**Joaquim Chissano** já não é alvo de manifestações espontâneas de carinho da população, como aconteceu quando ele se tornou presidente e era visto circular nas ruas de Maputo. Essas manifestações não eram mais do que a expressão de uma esperança quanto à resolução dos graves problemas do país. O pior deles continua por erradicar: a **guerra**.